

## **Para Além do Risco**

### **Contributo para um entendimento da importância do Desenho nas Artes, hoje**

Rosa Maria Oliveira,  
Graduação: Doutoramento  
Universidade de Aveiro  
Departamento de Comunicação e Arte  
Campus Universitário de Santiago  
3810-193 Aveiro, Portugal  
e-mail: [rosaoliv@ua.pt](mailto:rosaoliv@ua.pt)  
ID+ Instituto de Design, Média e Cultura [www.idmais.org](http://www.idmais.org)

#### **RESUMO**

O Desenho é um meio privilegiado de expressão de que nos servimos naturalmente desde crianças, que nos é inato para representar o mundo que vamos conhecendo. Esse impulso acompanha-nos durante toda a vida, de diferentes maneiras e com diferentes níveis de intenção. É uma disciplina estruturante do pensamento visual.

Quem desenha constrói imagens que, antes de serem representação, são apropriação. Quem desenha, desenha-se numa unidade de experiências, perceções e construções, que são fruto do seu sentir, do seu pensar, das suas referências pessoais.

O Desenho, entendido como prática gráfica e plástica, recorre a meios e instrumentos que ajudam a uma diferenciação e ordenação num quadro referencial e conceptual. Existe num espaço que se situa entre a ideia e a imagem, reconfigura e coloca em evidência, ordena ou elimina, que é fundamentalmente um processo de busca, de compreensão, de construção e de síntese. A procura da solução formal é também um diálogo íntimo entre quem desenha e o desenho.

A função do Desenho, como disciplina curricular, é a de desenvolver esse espaço íntimo de reflexão, de investigação e de partilha, de erro e solução. No entanto, o Desenho ensina-se ou desenvolve-se? Ainda se justifica uma prática de Desenho, quando as Novas Tecnologias e outros instrumentos eletrónicos, são cada vez mais usados como médium e material nas Artes?

**Palavras-Chaves: Desenho; Prática e função; Expressão gráfica; Investigação.**

#### **ABSTRACT**

Drawing is a privileged means of expression naturally used by us as children, which is innate to represent the world we know. This capacity is with us throughout life, in different ways and with different levels or intention. It is a structural discipline of visual thinking.

The one who draws constructs images and before representing, they are appropriated by the drawer. The one who draws, draws himself in a unit of experiences, perceptions and constructions, which are the fruit of his experience, his thought, his personal references.

The Drawing, understood as graphic and plastic practice, uses means and instruments that help to obtain a differentiation and ordination in a frame of references and concepts. It lies in a space between the idea and the image it reconfigures and highlights, or deletes commands, which is fundamentally a process of finding, understanding, construction and synthesis. The search for the formal solution is also an intimate dialogue between the one who draws and the drawing.

The function of drawing, as a curricular subject, is to develop this intimate space of reflection, research and sharing, of error and solution. However is the Drawing taught or does it evolve? Is the practice of drawing still justifiable, when the new technologies and other electronic tools are increasingly used as a medium and a material in the Arts?

**Key –words: Drawing; practice and function; graphic expression; research.**

1. Desenhar é um impulso inato a todo o ser Humano, desde os primeiros meses de idade, acompanhando o desenvolvimento do cérebro e, à medida da evolução da psico-motricidade, permitindo a expressão gráfica, revelando a forma como cada um de nós compreende e se relaciona com o mundo à nossa volta. Evidencia o conhecimento do próprio corpo e a sua relação com o espaço envolvente e desenvolve-se em etapas distintas e sequenciais, acompanhando o desenvolvimento do próprio cérebro. Reconhece-se a idade mental do indivíduo a partir dos seus desenhos, e até para se reconhecerem traumas, nem sempre possíveis de verbalizar, ou identificar algumas doenças, recorre-se à expressão gráfica, ao desenho. Seja ele simbólico ou uma representação realista, adquire a importância e autonomia de linguagem própria, entendida transversalmente, sem necessidade de tradutores, de intermediários.

O desenho é, também, uma das mais antigas manifestações artísticas, muito anterior à escrita. Desde os tempos pré-históricos, que das mais diversas culturas, nos chegaram gravuras ou pinturas rupestres, representativas do mundo desses antigos artistas, quer sejam de cariz realista ou abstrato. O desenho é um meio de expressão privilegiado que nos permite compreender a visão do mundo dessas culturas primevas, sem outras influências ou contaminação e compará-la com a atualidade. São também essas manifestações que podem testemunhar as vivências, os desejos, os medos, os mitos e cultos, que faziam dessas comunidades ancestrais sociedades, ao mesmo tempo tão próximas e tão distantes das nossas próprias vivências e práticas, desejos, e medos.

Ninguém pode desenhar o que não conhece, o que não experimentou, o que não faz parte do seu sentir, do seu pensamento visual, das suas referências pessoais. O desenho implica todo o ser: físico e mental. Por isso, o desenho ajuda a entender a realidade e a redimensionar o mundo interior. É um instrumento de comunicação, através de pontos, de linhas, de formas, de sombras e luzes, que nos faz entender o mundo que conhecemos, o espaço em que vivemos, o que idealizamos, ou a que aspiramos.



Fig. 1- Pintura Rupestre, Gruta de Altamira, Espanha, entre 18500-14000 anos a.C.

2. Para além do impulso inato, há ainda o Desenho como processo de busca, de realização e compreensão artística e estética. O desenho, sendo a inter-acção do mundo interior e do exterior, através do desenvolvimento de ideias e de conceitos, é também representação visual. Serve para entender a realidade exterior, redimensionando-a, selecionando e valorizando umas formas em detrimento de outras. É um processo de elaboração de linhas, planos, texturas, volumes, espaços, luzes e cores, que não se esgota na própria representação e se mantém para além dela, num processo de elaboração estética, que se permanece aberta à transformação interior.

O desenho é, assim, também um instrumento de análise, concepção e comunicação da nossa realidade. O desenho é estruturante do pensamento visual e propiciador de um percurso de aprendizagem estética. É através do desenho que podemos transformar, criar, investigar, construir e comunicar. Quem sente e pensa o desenho, exprime-se pela organização dos espaços visíveis e pela dinâmica vivencial que constrói, reconstrói, transforma e cria. O desenho, entendido como prática gráfica e plástica é um processo de elaboração artística que não se esgota na própria representação. Apreende-se, construindo

sucessivos conceitos que se reflectem nas figurações plásticas encontradas, proporcionando transformações, que são também interiores. Quem desenha constrói imagens, buscando uma síntese que seja o seu eixo referencial e, ao mesmo tempo, o reflexo da sua experiência. Quem desenha coloca-se assim no campo da própria representação, sendo simultaneamente sujeito e objeto do desenho. A expressão do desenho é individual, impossível de copiar exatamente. A forma como o artista desenha é individual, não se pode reproduzir, pois tem tantas variáveis, resultantes do conhecimento, técnica e instrumentos de desenho usados, que são impossíveis de imitar.

Para além destes fatores, a percepção visual da forma desenhada e a sua representação são individuais e são fruto duma prática e duma cultura visual adquirida que não podem ser imitadas, porque são sempre diferentes.



Fig. 2. Paula Rego, *Mulher cão*, pastel seco s/ alumínio (1994) Tate Gallery.

3. A escolha dos instrumentos de desenho é também importante. Cada tipo de material produz efeitos individuais, tanto mais adequados, quanto a perícia e o domínio técnico desses instrumentos. A dimensão do desenho influencia também a escolha do tipo de material utilizado. A grafite, para o desenho de pequenas dimensões; o carvão, para dimensões maiores, para a mancha; o pastel seco, para desenhos que não exijam pormenores; a tinta, para o esboço rápido; a pena, para uma linha mais expressiva. Também o suporte é importante: obtêm-se determinados efeitos com o papel texturado, outros com o papel liso, outros ainda com outros tipos de suporte...

Ao escolher um meio, há uma diferenciação dos instrumentos e a ordenação de um quadro referencial que implica o conceito, a experiência e o conhecimento, para que o seu

uso manual e mental possibilite colocar os problemas e encontrar as soluções, através do processo criativo que é Desenhar.

Mesmo quando utilizamos a pintura, a escultura, o design, como meios de comunicação visual, ou mesmo os meios eletrônicos, não deixamos de continuar a desenhar. Quando falamos de cinema, de que género for, há uma preparação prévia dos planos, que é desenhada e por onde o realizador pode ajustar as tomadas de vistas em película. O desenho está subjacente a todas as manifestações artísticas que implicam a visualização.

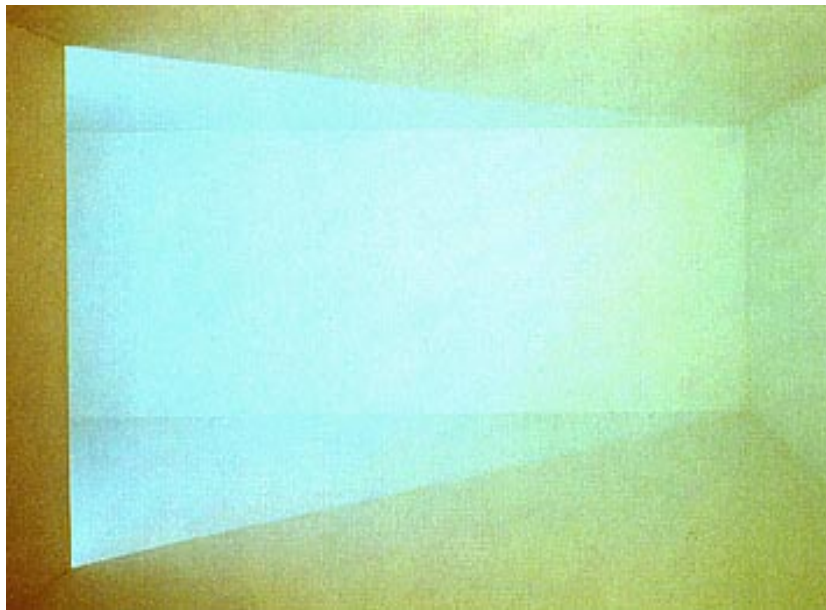


Fig.3- James Turrell. *Wedgework III*, 1980

4. Se utilizarmos meios não tradicionais, como sejam os eletrônicos ou virtuais, será que o Desenho perde a sua identidade? A versatilidade destes meios tecnológicos muda a nossa forma de pensar, de nos exprimirmos e comunicarmos, o que faz com que se altere também a nossa própria identidade criativa e, por consequência a própria identidade do Desenho, tal como o temos pensado até agora. Como já foi dito, o Desenho é pensamento, representação e expressão e por isso, independentemente dos meios, das ferramentas operacionais que se utilizem, a atitude da abordagem metodológica adotada, passa necessariamente pela valorização das experiências e pelo desenvolvimento intelectual e a aceitação desta nova noção do que é o Desenho, de métodos alternativos que estimulem o pensamento criativo. Então usamos as mesmas ferramentas, os mesmos meios riscadores? Afinal, quem desenha não faz apenas riscos e rabiscos?

A veracidade da imagem desenhada é muitas vezes posta em causa, mas não há imagens verdadeiras ou falsas. Há apenas a imagem que foi desenhada, por alguém com uma determinada percepção do mundo e uma determinada forma de o representar.

**5.** Que Metodologias, que Didática, são as adequadas para a prática do Desenho? Se o Desenho é um processo de apropriação, de desenvolvimento e aprendizagem individual, então é lógico entendermos que a aprendizagem seja também individual.

Assim, terá que ser usada uma didática flexível, resultante das necessidades individuais do aluno, com uma metodologia de ensino em que o professor é o mediador, o orientador da aprendizagem. Através dessa metodologia individualizada, que vai ao encontro das necessidades individuais do aluno e é facilitadora da construção da sua identidade criativa e ajuda à construção da identidade criativa do aluno e, por consequência a própria identidade do Desenho. Essa progressão tem que ter em conta o seu nível etário ou de conhecimentos, conduzindo a uma progressão ao seu ritmo, respeitando as suas necessidades individuais. A análise do seu objeto de estudo, do domínio técnico dos instrumentos e materiais utilizados, do domínio do espaço, das proporções, das referências, aliados à versatilidade dos meios envolvidos e à expressão e organização dos espaços visíveis e à dinâmica vivencial que cria. O desenho, entendido como prática gráfica e plástica é um processo de elaboração artística que não se esgota na própria representação. Os conceitos surgidos desta prática, as figurações plásticas encontradas, proporcionam transformações, que são também interiores.

## **6.** Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Bernardo Pinto, *O Plano de Imagem*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1996.

BUTTERFIELD, Jan, *The Art of Light + Space*, Abbeville Press, 1993.

EDWARDS, Betty, *The New Drawing on the Right Side of the Brain*, 1999, Penguin, Putnan/Tarcher, Resised, Expanded edition.

GRAU, Oliver, *Virtual Art, From Illusion to Immersion*, 2003.

JOLY, Martine, *Introdução à Análise da Imagem*, Arte & Comunicação, Edições 70, 1999.